

## **As estrelas de Wall Street se dispersam**

*Graham Bowley e Louise Story*

A gota d'água para Stephan Jung chegou em fevereiro, mais ou menos na época em que os cheques de abono salarial foram reduzidos. Veterano do UBS, um dos muitos bancos afetados pela crise financeira, Jung percebeu que a velha Wall Street não iria se recuperar dentro em breve. Era o momento de seguir uma nova carreira.

"Depois de 10 anos, não vi futuro para mim", disse Jung, de 42 anos, que pediu demissão para explorar sua especialização em vendas numa carreira na Alladin Capital, uma pequena, porém ascendente, empresa de investimento administrada por outros que também deixaram alguns dos nomes mais veneráveis no mundo das finanças.

Há um ar de êxodo em Wall Street - e não só entre aqueles que estão sendo demitidos. À medida que Washington toma medidas contra a prática de remuneração e endurece as regras para os bancos, ocorre uma fuga de cérebros em alguns dos maiores bancos. Eles são alguns dos mesmos bancos acusados de iniciar o período mais grave de declínio desde a Depressão.

Banqueiros eminentes têm deixado o Goldman Sachs, o Morgan Stanley, o Citigroup e outros em números crescentes para assumir cargos nos bancos que não estão sujeitos a regras mais rigorosas, incluindo bancos estrangeiros, ou nas empresas em início de atividade que sonham ser as usinas de força financeiras de amanhã. Outros saem por causa de conflitos culturais nas empresas que resultam de fusões, como o Bank of America e o Merrill Lynch, e ainda outros estão só se aposentando cedo.

Essa é certamente uma preocupação para os bancos que perdem profissionais importantes e talentosos. Mas outros especialistas do setor financeiro acreditam ser o início de uma reforma mais ampla e necessária de Wall Street, há muito dominada por um punhado de grandes jogadores que ajudaram a alimentar a crise financeira. Pode ser melhor para o país se o setor bancário for menos concentrado, eles dizem.

"Se a tomada de risco se alastrar para essas instituições menores, não será mais uma ameaça sistêmica", disse Matthew Richardson, professor de finanças na Stern School of Business da Universidade de Nova York. "E a inovação se espalha também. Essa dispersão é positiva".

Nos períodos de declínio anteriores, as grandes empresas sofreram mas voltaram a operar normalmente quando a economia recuperou a saúde. Desta vez, o efeito negativo pode ser mais duradouro dada a intensidade da crise e os esforços do governo para controlar as práticas de Wall Street enquanto tenta reabilitar a economia, um processo que pode levar anos. Para intimidar as pessoas que acredita causaram a crise, o governo está impondo controles.

Sentindo a mudança da maré, os banqueiros talentosos que temem um futuro obscuro nos bancos que aceitaram fundos dos contribuintes estão migrando para corretoras pequenas, porém audaciosas, que estão determinadas a contradizer os críticos correndo atrás de lucros e crescimento rápidos na esperança de um dia crescerem ao ponto de desafiar a velha guarda.

O New York Times levantou mais de uma dúzia de novas corretoras e descobriu que várias centenas de banqueiros foram contratados desde o terceiro trimestre de 2007 após demissões ou foram atraídos por empresas pequenas como a Broadpoint, Pinetum Capital e BTIG - e levaram suas contas, fluxo de negócios e lucros com eles.

"Temos a oportunidade de entrar na vaga do Bear Stearns ou do Lehman", disse Lee Fensterstock, presidente da Broadpoint, uma empresa de Manhattan que contratou mais de 240 pessoas desde o último trimestre de 2007, quando a crise financeira começou a criar raízes. "Nunca poderíamos fazer isso cinco anos atrás, mas agora, é como se todas Wall Street tivesse virado de cabeça para baixo, e despejado todas essas pessoas".

Michael O'Hare, ex-diretor da unidade de vendas e cash trading do JPMorgan, está formando uma nova operação de vendas e negociação na LaBranche Financial Services, uma empresa estabelecida que estréia uma linha de negócios que tradicionalmente era conduzida só dentro dos bancos de investimento. "Estamos atraindo pessoas do Merrill, do JPMorgan, do Bear", ele disse. "Temos o melhor da safra".

Um dos mais proeminentes novos bancos, o Moelis & Company, uma pequena consultora que tem escritórios em Nova York, Los Angeles e Londres, entre outros centros, foi fundada em 207 por Ken Moelis, ex-presidente de banco de investimento do UBS. Moelis contratou 100 banqueiros, entre eles 17 do UBS, 9 do Bear Stearns, 3 do Morgan Stanley e 3 do Goldman Sachs.

Esses tipos de corretoras surgiram nos ciclos anteriores, e muitas permaneceram pequenas e discretas. Mas algumas evoluíram em rivais agressivas. Em 2006, banqueiros do alto escalão do Goldman e do Morgan Stanley formaram a Perella Weinberg, uma corretora líder. Roger C. Altman, ex-banqueiro do Lehman, criou a Evercore, outra corretora de alto desempenho, uma década antes.

As novas corretoras de hoje desejam fazer o mesmo contratando profissionais talentosos do setor e, em alguns casos, tentando copiar o modelo de banco de investimento que foi na maior parte desmantelado após a queda do Lehman Brothers no final do ano passado.

Ainda outros estão se transferindo para concorrentes estrangeiras. Segundo os bancos e os recrutadores de executivos, centenas de banqueiros têm saltado para o Deutsche Bank e o Credit Suisse, nenhum dos quais recebeu fundos do governo.

Eles veem uma rara chance de aprimorar o talento e se posicionar em Wall Street - e globalmente - atraindo as melhores cabeças que não teriam cogitado sair de um Goldman Sachs ou um Morgan Stanley em tempos melhores. Agora que suas concorrentes devem aceitar limites na remuneração e outras restrições que vêm junto com o uso de suporte financeiro dos contribuintes, os bancos estrangeiros estão encontrando profissionais mais propensos a aceitar as ofertas de emprego.

No geral, os quadros de funcionários nos 12 maiores bancos de investimento globais foram reduzidos, em média, em um quinto em 2008, conforme os dados fornecidos pela consultora Oliver Wyman.

As empresas de serviços financeiros anunciaram mais de 400 mil demissões nos Estados Unidos nos últimos dois anos, incluindo 148 mil só no último trimestre de 2008, quando a crise financeira alcançou o auge, disse Mark Zandi, economista-chefe da Moody's Economy.com.

Para os diretores do Citigroup, JPMorgan Chase e de outros bancos americanos que receberem fundos do governo, as implicações são preocupantes, mesmo se muitos de seus trabalhadores tenham permanecido pelo momento.

Vikram S. Pandit, do Citigroup, e Jamie Dimon, do JPMorgan, por exemplo, dizem que será mais difícil se livrarem da ajuda financeira dada pelos contribuintes se os trabalhadores mais capazes de conduzir seus bancos para a recuperação estão indo embora.

Naturalmente, seus novos concorrentes têm mais flexibilidade para atrair talento com estruturas de pagamento criativas. Com os protestos públicos contra os bônus, algumas corretoras pequenas estão oferecendo pesados pacotes de comissão.

Os bancos distribuíram perto de US\$ 18 bilhões em bônus no ano passado, 44% menos comparado com igual período do ano anterior, e muitos profissionais os viram como pagamentos irrisórios. Alguns legisladores e membros do público expressaram indignação de que bilhões em bônus fossem pagos, e sugeriram que a maioria dos traders e banqueiros dificilmente encontrariam empregos melhores em outros lugares, em pouco tempo, portanto os bônus de retenção eram desnecessários.

Brian McGough, de 36 anos, considerava-se um rebelde quando saiu do Morgan Stanley no início de 2008 para ajudar a abrir uma agência de pesquisa independente, a Research Edge, em New Haven, Connecticut. Morgan havia recém relatado uma devastadora baixa contábil de títulos lastreados por hipotecas, mas os amigos e os mentores de McGough tentavam convencê-lo a ficar, ele disse.

Tudo isso mudou. "Não dá para dizer quantos dos meus ex-colegas cujos nomes apareciam nos letreiros luminosos estão ligando para mim à procura de emprego", ele disse.

**Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 16 abr. 2009, Plano Pessoal, p. D7.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais